



opinião

Não à radicalização



Sebastião Fayo de Azevedo
Prof. catedrático, reitor da Univ. do Porto

I Estamos a viver mais uma vez com o futuro em suspenso, com um Governo que parece ser de transição, ainda sem Orçamento do Estado para 2016, à espera de um outro Governo cuja composição, base de sustentação e programa não conhecemos. Mais uma vez a resiliência do povo e das instituições é posta à prova. Nós podemos

iludirmo-nos a nós próprios, mas não tenhamos a ilusão de iludir o 'tempo', nas consequências sociais, económicas e políticas da nossa continuada incapacidade de estabilização de rumo e de governação. Precisamos de ter as instituições públicas a funcionar com estabilidade, qualidade e eficiência. Precisamos de confiança para dar à economia a oportunidade de crescer. Não está em causa a necessidade urgente de justiça social que a esmagadora maioria dos portugueses obviamente defende. Está em causa que essa justiça não se alcança com políticas justas de distribuição do 'nada'.

2. A grande questão é que vivemos um grave vazio de liderança política dos grandes centro-es-



...vivemos um grave vazio de liderança política dos grandes centro-esquerda e centro-direita da nossa sociedade, bem identificados nas sucessivas votações eleitorais, desde o 25 de Abril

querda e centro-direita da nossa sociedade, bem identificados nas sucessivas votações eleitorais, desde o 25 de Abril. O nosso espectro ideológico, de visão política e social, não é dicromático. Tendo nos extremos uma esquerda e uma direita radicais, como é normal, a nossa sociedade é politicamente policromática, incluindo policromias parciais visíveis, tanto à direita, como ao centro, como à esquerda. Ora, o essencial do que estamos a viver está associado e articulado com a promoção premeditada deste vazio: (i) uma bipolarização artificial, face à base social, consequentemente enviesada e condenada ao fracasso, da discussão sobre esse caminho de Portugal para o futuro; (ii) um

recrudescimento da luta ideológica, como não víamos desde o Verão Quente de 1975, que se projeta num crescendo de intervenções públicas, cheias de intelectualidade, sugerindo que quem não ler por esta inesperada cartilha do momento é de 'direita', uma dicotomia que causa os maiores arrepios a quem conhece e viveu a história do pré e pós-25 de Abril, um clima intolerável para as almas livres.

3. Estou certo de que mais uma vez a nossa sociedade civil vai exercer, sob várias formas, um magistério de influência sobre os políticos que elegeu, que limite os excessos e que combata a radicalização, sem o que não existe esperança de desenvolvimento.